

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A REPORTAGEM ESPECIAL: EXERCÍCIOS PARA UM PERCURSO TEMÁTICO

Marcos Carvalho Macedo¹; marcoscarvalhom@outlook.com

RESUMO

As reportagens especiais, formas discursivas jornalísticas recorrentes em diferentes suportes midiáticos, têm sido caracterizadas pela literatura e defendidas pelos profissionais da área como fundamentais para o exercício de um jornalismo ativo, crítico e criativo. Apesar disso, não se apresentam procedimentos metodológicos mais sistemáticos para sua roteirização. Este trabalho discute acerca dessa lacuna, identificada no decorrer de pesquisa-aplicada de doutorado em torno da roteirização de reportagens especiais transmídia, e procura contribuir com a prática didático-pedagógica ao propor, apoiados em referências das teorias da linguagem e em procedimentos discursivos, dois exercícios com potencial para estimular a problematização de um tema e o levantamento de aspectos temáticos de uma reportagem especial, de modo a desenvolver competências de raciocínio e argumentação, necessárias à prática jornalística.

PALAVRAS-CHAVE

Reportagem Especial; Tematização; Ensino; Didática; Exercícios.

1. INTRODUÇÃO

As reportagens especiais são formas discursivas presentes em praticamente todas as modalidades de jornalismo. Esse gênero noticioso consolidado na prática tanto de periódicos impressos, com as reportagens de capa de revistas e os cadernos especiais, quanto do radiojornalismo e telejornalismo, com programas especiais documentais ou séries de reportagens, e mais recentemente na web, com as grandes reportagens multimídia, distingue-se da reportagem do dia-a-dia por tratar acontecimentos ou assuntos de forma mais ampla e aprofundada, razão pela qual muitos a chamam de grandes reportagens ou reportagens em profundidade.

Apesar de ser uma produção mais rara, pois nem todas as empresas jornalísticas conseguem disponibilizar recursos e equipe de profissionais para se dedicar integralmente a um processo de apuração, redação e edição mais aprimorado

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Jornalista da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).

- daí o termo especial - , tanto jornalistas quanto pesquisadores reforçam o papel desse tipo de reportagem para um jornalismo ativo, crítico, criativo e responsável.

Desenvolver habilidades para a produção de uma reportagem especial deve, por consequência, ser um dos objetivos do processo de formação acadêmica do profissional da área, do qual se espera ser capaz de “atuar como produtor intelectual e agente da cidadania”, de forma a responder “à complexidade e ao pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas”, como preceituam as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Jornalismo. O documento aponta para a necessidade de competências pragmáticas do egresso de jornalismo, a fim de seja capaz de “contextualizar, interpretar e explicar informações relevantes da atualidade, agregando-lhes elementos de elucidação necessários à compreensão da realidade” (Brasil, 2013). Essas competências podem ser contempladas pela inserção de conteúdos na organização curricular do projeto pedagógico do curso tanto no eixos de aplicação processual, no qual são fornecidas ferramentas técnicas e metodológicas para atuar em diferentes suportes, como no eixo da prática laboratorial, que almeja desenvolver, na integração com os demais pilares do currículo, conhecimentos e habilidades a partir de projetos editoriais específicos orientados a públicos reais em publicações efetivas e regulares. Assim, as disciplinas laboratoriais, costumeiramente colocadas nos últimos períodos do curso, costumam ser aquelas nas quais se propõem o trabalho com reportagens especiais.

Ainda que as referências bibliográficas voltadas à prática jornalística em diferentes suportes midiáticos façam referência a reportagem especial (Kotscho, 1995; Medina, 1988; Lima, 1993; Kaplún, 2017; Carvalho et al., 2010; Longhi, 2014), a maioria delas procuram caracterizá-la a partir de análises dessas produções sem, no entanto, apontar procedimentos metodológicos sistemáticos para sua roteirização. Essa lacuna, também identificada ao longo do desenvolvimento da pesquisa doutoral em torno do desenvolvimento de um método de roteirização para reportagens especiais transmídia baseado no desdobramento de aspectos temáticos (Macedo, 2024a; 2024b), será o objeto do presente trabalho.

Ao longo da experiência de orientação dos roteiros no âmbito da referida pesquisa, que se caracterizou como um tipo de investigação-ação, identificou-se, pela

observação e análise dos primeiros resultados, uma dificuldade de ordem mais conceitual e metodológica: a estruturação e o desenvolvimento do percurso temático de uma reportagem, ou mais precisamente, o ensino dessa competência que se relaciona a formas mais sistemática para abordagem de um tema no jornalismo (Fechine; Macedo, 2022). No processo de aprimoramento do método, que se deu com a reaplicação do método junto a estudantes da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, ministrada por este docente-pesquisador no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) durante o semestre letivo 2022.1, procuramos desenvolver atividades que contribuíssem para desenvolver a competência requerida, costumeiramente dada como pressuposta pelos profissionais da área e, talvez por isso, com descrições pouco precisas acerca de possíveis procedimentos metodológicos para o ensino-aprendizagem.

Ao recuperar alguns dos exercícios propostos, que se apoiaram em referências das teorias da linguagem e em procedimentos discursivos básicos, buscamos destacar nesse artigo a importância de se desenvolver habilidades de raciocínio e argumentação no ensino de jornalismo, de modo a oferecer alguma contribuição para a prática laboratorial didático-pedagógica de docentes e discentes de jornalismo na roteirização de reportagens especiais. Ao esquematizar ordenadamente os aspectos em torno de uma questão ou assunto a ser tratada numa produção desse tipo, estabelecemos as linhas mais gerais que guiarão o processo de pesquisa e investigação jornalística, percurso durante o qual os aspectos, inicialmente abstratos, se revestem de elementos concretos (eventos, personagens, ambientes e temporalidades).

Antes de descrever e demonstrar a aplicabilidade destes exercícios, parece-nos importante caracterizar minimamente esse gênero que chamamos de reportagem especial, tarefa que faremos através de pesquisa bibliográfica (Gil, 2002) e análise de conteúdo (Bardin, 2016) de produções desse tipo, que se estruturam de maneira explícita a partir de configurações temáticas, por isso aprofundaremos também as dimensões discursivas da tematização e da figurativização no texto jornalístico.

2. A REPORTAGEM ESPECIAL

Grande reportagem, série de reportagens, reportagem em profundidade ou simplesmente reportagem especial são todos termos que, guardadas as devidas distinções, caracterizam uma forma discursiva que apresenta um tratamento bem mais elaborado acerca dos acontecimentos e assuntos da atualidade se comparadas à reportagem produzida cotidianamente. Os qualificativos utilizados nos apontam, empiricamente, as ênfases dadas à sua caracterização: destacam-se tanto a dimensão quantitativa, dada pelo atributo grande, mas também por descrições como “matérias *mais extensas*” (Kotscho, 1995, p. 71, grifo nosso), “forma de *maior* aprofundamento possível da informação social” (Medina apud Lima, 1993, p. 27, grifo nosso), que “leva *mais* tempo para captar, editar...” (De La Rue, 2006, p. 186, grifo nosso); assim como a dimensão qualitativa, cuja ênfase recai sobre aspectos que extrapolam a função básica do jornalismo de informar - a reportagem especial é “aquela que possibilita um *mergulho de fôlego* nos fatos e em seu contexto” (Lima, 1993, p. 24, grifo nosso), que explora “um assunto em profundidade, *cercando todos os seus ângulos*” (Kotscho, 1995, p.71, grifo nosso), e “permitem ao público *enxergar mais amplamente o momento* que o país e o mundo atravessam, *compará-lo* com acontecimentos passados, *intuir* tendências, *formar opinião* sobre esses assuntos” (Bonner, 2009, p. 19, grifo nosso), de modo a “*aprofundar* assuntos de interesse público” (Carvalho et al., 2010, p. 21, grifo nosso).

Boa parte dessas escassas referências bibliográficas e estudos sobre reportagens especiais estão relacionadas ao jornalismo impresso. Nessa área, recordamos a contribuição dos estudos de Luiz Beltrão (1976) em torno de um jornalismo em profundidade, vinculado a uma função que, para além de reportar, também devia procurar interpretar os fatos e acontecimentos. Considerado um dos primeiros teóricos do jornalismo no Brasil, o autor pernambucano inclui a reportagem em profundidade como parte do gênero interpretativo porque ela reúne elementos como antecedentes, prognósticos e análises, buscando as causas e desdobramentos dos fenômenos. Desde as grandes reportagens investigativas de revistas aos cadernos e suplementos de jornais, passando por formatos que extrapolam os limites do jornalismo cotidiano a exemplo de fotodocumentários e

livros-reportagens, um de dos traços constitutivos dessas produções é o tratamento textual diferenciado que investe tanto no plano do conteúdo, oferecendo informação, contextualização e orientação acerca das questões abordadas, quanto no plano da expressão, estimulando o leitor à uma fruição, a mergulhar no universo particular do assunto pelo ritmo, cadência e pulsar narrativo (Lima, 1993). Na televisão, por exemplo, Fechine (2016-2018) considera que para ser considerada especial, uma reportagem precisa atender ao menos a três critérios bem articulados: uma abordagem mais especializada e abrangente do assunto, procurando traçar como que o “estado da arte”; um tratamento plástico mais cuidadoso, seja no texto, nas imagens ou na edição e finalização, com gráficos ou artes, por exemplo; e condições de produção que exigem maior dedicação e período de tempo dos profissionais envolvidos. Mas como produzir reportagens especiais, seja qual for o suporte midiático?

Ao investigarem a estrutura das reportagens do dia a dia, autores como Sodré e Ferrari (1989), Coimbra (2004), Lima (1993) e Lage (2001) procuram compreender seus elementos a partir da predominância de tipologias textuais (narração, descrição e argumentação), que refletem modos de organização discursivas. Se tomarmos esse mesmo referencial para compreender como se organizam as reportagens especiais, ainda que identifiquemos produções regidas pelas diferentes matrizes textuais-discursivas, como as chamadas “histórias de interesse humano” e “histórias coloridas”, associadas ao gênero de jornalismo diversional (Melo e Assis, 2010), que encontram raízes no chamado *New Journalism* e evidenciam elementos narrativos, pois buscam a fruição. A maioria das produções especiais, porém, discutem uma temática ou questão aprofundando os contextos envolvidos, de forma a manifestar mais uma matriz argumentativa, estruturada a partir de enunciados que se encadeiam por relações lógicas que fazem progredir o discurso.

Segundo Fiorin (2015, p. 19) a argumentação caracteriza-se por “raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese”. A arte de persuadir, isto é, de tornar o discurso eficaz, é chamada de retórica e já na antiguidade concebia cinco

operações, sendo a primeira delas a *inventio*, que consiste em encontrar os temas, ou seja, aquilo que se dirá considerando o auditório (o público).

Assim, formular o que será dito consistiria no primeiro passo da roteirização de uma reportagem especial de matriz argumentativa. Nesse sentido, Lima (1993) sugere que para planejar a apreensão da realidade sob múltiplos aspectos um bom princípio seria partir da noção de conflito e identificar causas, efeitos e linhas de forças que os determinam:

Detectar esses conflitos, circunscrever seu sentido, antecipá-los no tempo, buscar suas raízes na interação sistêmica estrangulada são tarefas nobres da reportagem que se proponha a ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade ao homem contemporâneo (Lima, 1993, p. 68).

Bordas (1995) também concorda com o conflito como ponto de partida para a notícia crítica ou criativa, aquela que “visa comunicar estados de situações, para advertir, exortar, promover, delatar, denunciar, apelar, complementar, confrontar ou apresentar novas formas de expressão” (Bordas, 1995, p. 198), características que, como vimos, aproximam-se da reportagem especial. Segundo o pesquisador, a melhor forma de compreender a origem dessa forma noticiosa é buscar uma dissonância, dada a partir de uma inconsistência lógica, um confronto cultural, moral, político ou comparações entre experiências, e que representa certa distância entre algo que existe e que poderia existir.

Depois de identificada a problemática, dela se levantarão questões, cujas possíveis respostas (hipóteses) deverão ser investigadas a fim de chegar a uma conclusão (tese a ser confirmada ou refutada). Quanto mais clara e bem definida estiver a problemática da reportagem especial, mais chances terá o jornalista de organizar um percurso temático coerente e evitar digressões que não contribuam para levar adiante sua proposta de abordagem.

Para a semiótica discursiva, a tematização é um dos níveis de concretização do sentido do texto (a semântica), juntamente com a figurativização. “Tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos” (Barros, 2005, p. 66). Enquanto os temas podem ser definidos como elementos englobantes, que categorizam e ordenam a realidade, as figuras correspondem a

elementos perceptíveis no mundo natural, capazes de recobrir os percursos temáticos e lhes atribuir um revestimento sensorial. Assim, embora um texto possa ser predominantemente figurativos (mais concreto, criando efeitos de realidade e procurando representar o mundo, a exemplo do discurso jornalístico e literário) ou temáticos (mais abstrato, procurando explicar a realidade e estabelecer relações e dependências, como no discurso científico, jurídico), “não há texto figurativo que não tenha um nível temático subjacente, pois este é um patamar de concretização do sentido anterior à figurativização” (Fiorin, 2000, p. 67). Em outras palavras, todo texto manifesta um nível temático, ou mais precisamente, um percurso temático explícito ou implícito, que envolve um encadeamento de diferentes subtemas.

Daí nossa aposta de que, no processo de roteirização de uma reportagem especial, o primeiro passo é a seleção de tópicos capazes de orientar o pensamento a um determinado raciocínio e confirmar ou reforçar uma abordagem. Para esquematizar esse discurso é preciso recolher temas tendo por base o repertório pessoal do repórter, leituras da realidade, conhecimentos prévios já consolidados e uma ampla pesquisa jornalística. Trata-se de levantar um conjunto de elementos mais abstratos, estabelecendo um determinado percurso temático que se revestirá por percursos figurativos e variantes narrativas no decorrer do processo de produção.

A fim de reforçar essa perspectiva, transcrevemos, a seguir, o depoimento do jornalista Marcelo Leite, repórter especial da Folha de S. Paulo, explicando como se deu o processo criativo da reportagem especial multimídia *Floresta sem fim*, produzida em 2015 pelo veículo paulista e que integra a série *Tudo Sobre*:

A ideia de fazer essa série *Floresta sem Fim* ou *Tudo Sobre Desmatamento Zero* surgiu dessa conversa com a Cristiane Fontes, da Clua [Climate and Land Use Alliance], sobre a falta de conhecimento do público a respeito das relações entre desmatamento e mudança climática. A ideia, desde sempre, foi criar uma reportagem com muitos elementos que permitissem levar o leitor, ou no caso o internauta, para dentro de certas realidades da Amazônia. Então a gente escolheu, depois de uma discussão interna ali, da pauta da reportagem, falar de pecuária, falar de madeira, falar de assentamentos e falar de terras indígenas. E de REDD+. E para isso a gente fez então essas reportagens. Levamos os quatro repórteres acompanhados de cinegrafistas para cada uma destas regiões... escolhemos áreas específicas para que estes repórteres fossem lá e contassem as histórias daquelas pessoas, daqueles locais, e a partir destas histórias bem concretas, pessoas de carne e osso, puxar o assunto mais geral, mais abstrato da questão da mudança climática, do desmatamento zero. Enfim, o conceito por trás desse produto era esse (Mídia e Amazônia, 2015).

Podemos inferir, pela explicação, que a motivação para a produção da reportagem especial foi uma problemática específica – a falta de conhecimento do público a respeito das relações entre desmatamento e mudança climática – identificada pelo jornalista em diálogo com a entidade patrocinadora da reportagem (a Clua – Climate and Land Use Alliance). Esse trecho também revela a tese (proposta) implícita da reportagem a ser investigada e confirmada/ reforçada: como o desmatamento influencia as mudanças climáticas.

A forma como os jornalistas pretendiam dar resposta ao problema – desconhecimento do público – era mostrar as realidades amazônicas ao seu público e levá-lo para “dentro” delas. Percebemos, já nesse ponto, um determinado recorte operado dentro da configuração discursiva mais ampla, que são as mudanças climáticas e o desmatamento: optou-se por tratar da questão no bioma amazônico, porque “o desflorestamento é o que mais contribui para o aquecimento da Terra no Brasil”, conforme afirma a reportagem multimídia. Caso optassem por delimitação temática a partir de outros biomas, também afetados com a devastação, outras questões e pontos bem diversos teriam sido tratados, ainda que dentro da mesma configuração discursiva.

O passo seguinte relatado pelo repórter foi eleger os temas capazes de dar sustentação ao percurso temático e argumentativo. Os temas selecionados consideravam as atividades costumeiramente implicadas no desmatamento (a pecuária, a extração de madeiras, a agricultura em assentamentos rurais) e na preservação das florestas (o cultivo da floresta em terras indígenas e o programa de recompensas financeiras da ONU, o REDD+). Marcelo Leite frisa que estes temas foram inventariados na elaboração da pauta, após uma reunião da equipe de jornalistas envolvidos, certamente precedidos de ampla pesquisa. São pontos mais gerais e abertos, que dão margem para concretizações bem mais singulares que se dariam no decorrer do processo de apuração. Somente após estruturadas estas linhas mais gerais, os diferentes temas foram figurativizados: a escolha de locais para que os repórteres investigassem e contassem histórias “bem concretas”, de “pessoas de carne e osso”, capazes de ilustrar e desenvolver a tese da reportagem especial que foi,

posteriormente, expressa no sublead: “zerar a devastação pode ser bom negócio para todos”.

3. EXERCÍCIOS DE TEMATIZAÇÃO DE REPORTAGENS ESPECIAIS

Estruturar o percurso temático consiste o primeiro passo do método de roteirização para reportagens especiais transmídia baseado no desdobramento de aspectos temáticos, que se utiliza de um instrumental chamado mapa midiático-temático (Macedo, 2024). A pesquisa aplicada, desenvolvida com auxílio de estudantes voluntários de turmas de graduação em jornalismo, visava testar a ferramenta concebida empiricamente a partir de investigações e análises que destacaram a importância das relações temáticas para configuração textual desse tipo de reportagem (Macedo, 2019), permitindo representar visualmente as estratégias de expansão transmídia de textos associados a um texto de referência - neste caso, uma reportagem especial - , nos moldes da transmidiação (Fechine, 2018)².

Ao longo desse processo de ensino-aprendizagem, que contemplou discussões teóricas e análises de produções transmídia, o primeiro exercício proposto, precedidos de explicações e exemplificações de como utilizar o mapa midiático-temático, consistia em inventariar possíveis aspectos temáticos e dispô-lo, em um percurso coerente de abordagem, na parte superior do mapa midiático-temático. É preciso esclarecer que, nesse primeiro momento, eram necessários apenas levantamentos de possíveis desdobramentos de um temas guarda-chuva, que depois deveriam ser melhor aprofundados e analisados quanto a sua pertinência ou não de serem tratados.

Nas duas primeiras experiências de testagem do método, realizadas de modo remoto ao longo dos semestres 2020.2 e 2021.1 com estudantes de jornalismo da

² Fechine concebe a transmidiação como um modelo de produção orientado pela distribuição em distintas mídias e plataformas tecnológicas de conteúdos associados entre si e cuja articulação está ancorada em estratégias e práticas interacionais propiciadas pela cultura participativa e estimulada pelo ambiente de convergência. Dentre as estratégias de expansão transmídia, a mais seria a narrativa transmídia, que na definição de Jenkins (2009), trata-se de uma história contada através de múltiplas plataformas de mídia, de modo que cada novo texto se articula com os demais de forma a enriquecer a narrativa como um todo. Considerando que o objetivo deste trabalho não se fixa a um tipo específico de reportagem especial, transmídia ou não, evitaremos detalhar o método de roteirização propriamente dito, que foi desenvolvido, por exemplo, em Macedo e Fechine (2024).

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), identificamos que um desafio, de ordem mais conceitual e metodológica, era a organização do percurso temático da reportagem especial. Muitas vezes os aspectos temáticos apresentados se repetiam, expressos apenas com termos distintos, em alguns casos, ao invés de temas, eram sugeridas técnicas e formas argumentativas (dados estatísticos, comparação, exemplificação, definição, avaliação de especialista), assim como perguntas ou elementos figurativos e títulos/intertítulos, que não evidenciavam, numa primeira leitura, qual seria o aspecto temático. Essa dificuldade dizia respeito mais ao modo de estruturar o pensamento a partir de categorias mais analíticas, portanto, uma habilidade anterior ao processo de roteirização transmídia propriamente dito.

Percebendo que essa competência para sistematizar a abordagem de um tema no jornalismo, dada como pressuposta pela comunidade profissional da área e incluída nos chamados saberes de reconhecimento (Traquina, 2012), não apresentava um procedimento metodológico mais explícito para o ensino e a aprendizagem, motivo pelo qual propusemos a inserção de dois exercícios específicos, que precederam a aplicação do método de roteirização transmídia na terceira experiência realizada, com estudantes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Passaremos a descrever, a seguir, estes exercícios.

Exercício 1 - Recortar o tema

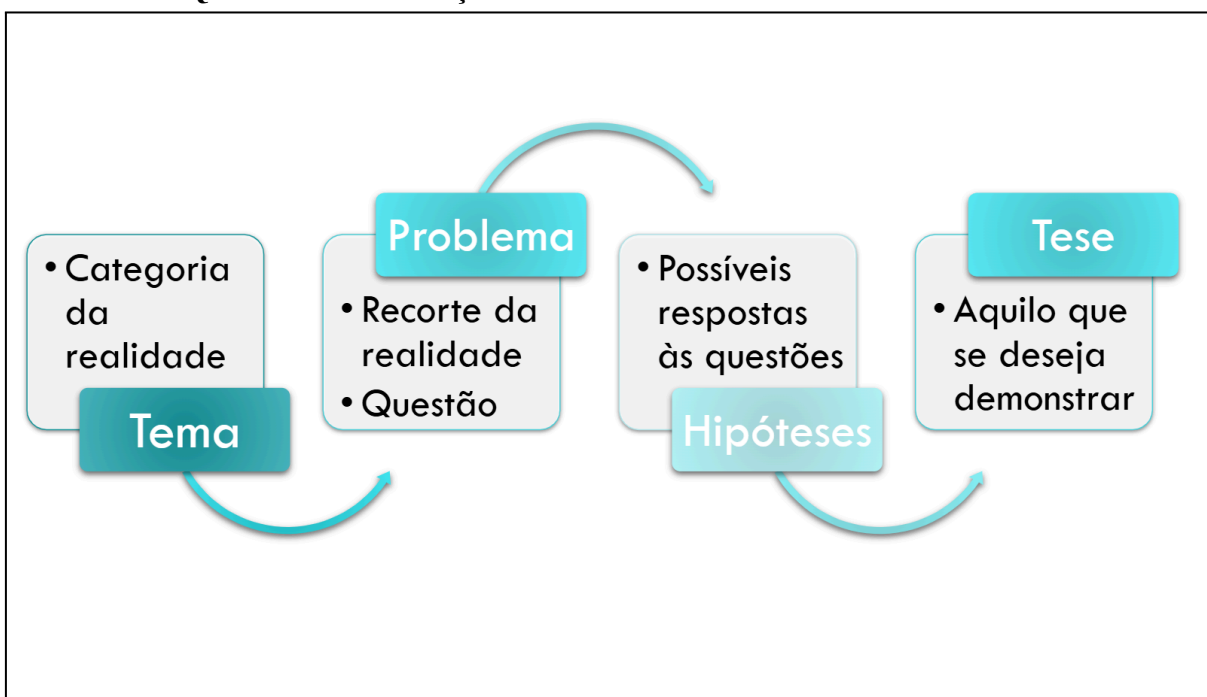
Como primeiro passo, expusemos de modo mais teórico, a distinção entre tema e problematização, segundo desenvolvemos na seção anterior. A seguir, propomos quatro temas específicos e mais genéricos para reportagens que haviam sido roteirizados por estudantes de turmas anteriores: Mobilidade Urbana, Indústria Cinematográfica, Preconceito e Saúde Mental (outros temas poderiam ser recolhidos de reportagens especiais já publicadas em veículos jornalísticos, facilitando, posteriormente, uma comparação dos resultados).

Os estudantes foram divididos em duplas e trios para discutirem e apontarem uma problemática específica a partir de temas tão abrangentes, provocando o exercício de delimitação, de recorte empírico da realidade, evitando-se abordagens

genéricas (para isso pediu-se uma justificativa mínima, que poderia ser anotada em uma ou duas linhas).

As sugestões de cada dupla ou trio foram compartilhadas com todos e, ao final, comparadas com as delimitações das propostas de reportagens elaboradas pelos outros estudantes, a fim de demonstrar como um tema apresentava diversos problemas/recortes a depender do ângulo de abordagem e constatar como partir de uma problemática e ter bem clara a proposta (tese) da reportagem especial é um passo importante para não se perder ao longo da investigação, conforme exposto na Figura 1.

FIGURA 1: ESQUEMA DAS RELAÇÕES ENTRE TEMA-PROBLEMA-HIPÓTESES-TESE



Fonte: Macedo (2023)

Exercício 02 - Tema e Aspectos temáticos

Iniciamos explicando e distinguindo as noções de temas e figuras (Fiorin; Savioli, 2003), inclusive com exemplos de textos predominantemente figurativos e temáticos. A seguir, propomos um breve exercício coletivo para apontar figuras que pudessem representar temas e subtemas (Ex: Tema: Educação; Figuras: _____;

Subtema: _____ Figuras: computador, celular, teleconferência, casa, plataforma digital).

Na sequência, inspirados no exercício analítico feito por Van Dijk (1999) para identificar as estruturas temáticas da notícia na imprensa, indicamos aos estudantes para se agruparem e realizarem a leitura e o resumo, em tópicos frasais, do capítulo de uma reportagem especial (no caso específico, trabalhou-se com o segundo capítulo da reportagem multimídia *A Batalha de Belo Monte*³, intitulado “O Ambiente”). O objetivo era perceber como os parágrafos, imagens, vídeos e gráficos figurativizavam um determinado aspecto temático. Apesar de estar dividido por intertítulos, orientou-se que parágrafos poderiam representar, tanto isoladamente como em conjunto com outros, um tópico frasal ou aspecto temático.

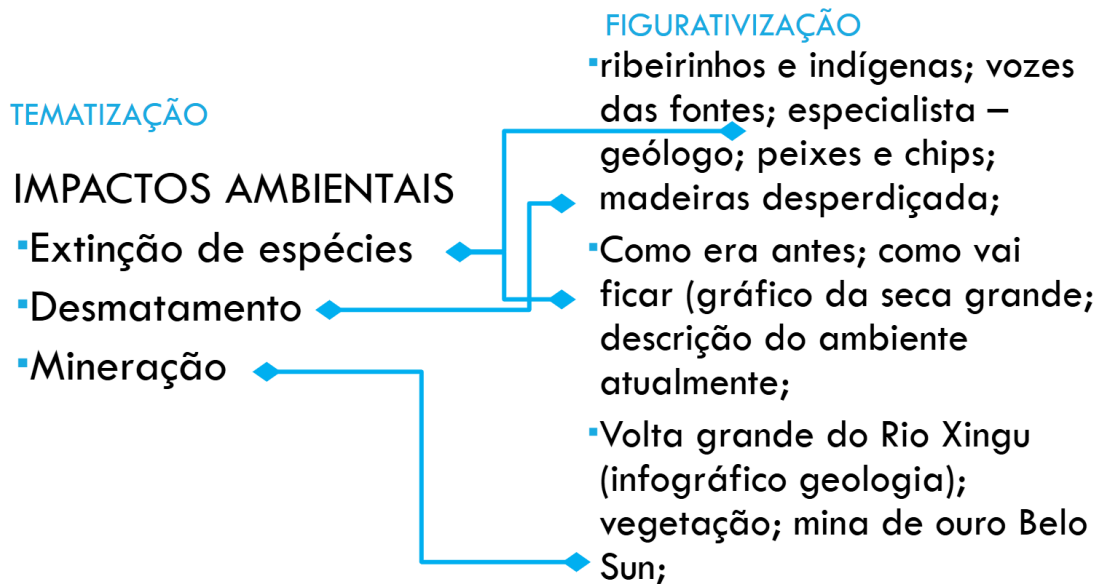
Ao final, os tópicos anotados pelos grupos foram compartilhados e comparados, assim como com a atividade feita previamente pelo professor. O resultado evidenciou sentidos bem semelhantes por se tratar de um exercício de síntese. Essa operação mental que reúne elementos concretos e abstratos auxilia na exposição das ideias essenciais e contribui para perceber como se organiza um determinado percurso temático, recobertos por percursos figurativos. Assim, pudemos identificar que o capítulo da reportagem abordava os impactos ambientais da Usina de Belo Monte a partir de três grandes aspectos: a extinção de espécies nativas, o desmatamento e a mineração (Figura 2).

FIGURA 2: ESQUEMA TEMÁTICO-FIGURATIVO DO CAPÍTULO “O AMBIENTE”

³ Disponível em:

<https://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-2-ambiente.html>

ESQUEMA “O AMBIENTE”



Fonte: Macedo (2023)

A realização desses exercícios em sala de aula apresentou impacto significativo para “encontrar o que dizer”, numa reportagem especial (no caso, transmídia) auxiliando a desenvolver habilidades de inventariar aspectos temáticos a partir de uma problemática, evitando, no entanto, uma abordagem ao estilo de “cartilha” acerca do assunto. Na primeira reunião de orientação para roteirização das produções, realizada na aula seguinte à aplicação dos exercícios descritos acima, os grupos de estudantes apresentaram uma versão inicial do mapa midiático-temático com um esquema de subtemas e aspectos temáticos bem desenvolvidos. Os poucos tópicos que se mostraram mais figurativos ou em forma de perguntas foram convertidos em aspectos temáticos ou eliminados, quando se percebia, na discussão, que eles confundiam com outros já existentes. O diálogo entre professor e alunos se estabeleceu mais no sentido de deixar o mais explícita possível a problemática e a proposta da reportagem especial, assim como de trabalhar na organização de um percurso coeso e coerente dos aspectos temáticos inventariados, sem redundâncias ou digressões.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escassas referências sobre a prospecção da reportagem especial, mesmo que apontem a necessidade de estabelecer hierarquias entre os diferentes aspectos de um tema, pouco contribuem com procedimentos metodológicos que possam desenvolver habilidades mais precisas, quase sempre consideradas como pressupostas ou naturais, relegadas ao instinto, ao “faro” jornalístico. A pesquisa doutoral desenvolvida em vista do processo de roteirização de reportagens especiais transmídia evidenciou essa lacuna, que se mostra bem mais ampla que o método desenvolvido, daí o recorte operado nesse artigo, focado na prospecção da reportagem especial para qualquer que seja o suporte midiático.

Esse processo tem início com delimitação de um tema mais geral e sua problematização, a partir da qual se levantam aspectos temáticos. Por sua natureza abstrata, essa categoria conceitual permite uma gama bem maior de revestimentos figurativos, de modo a fazer da apuração um processo aberto às interpelações da realidade. Explicitar, desde o início, a problemática e o propósito informativo implica assumir uma intencionalidade discursiva, já que todo discurso possui uma dimensão argumentativa (Fiorin, 2015).

Ao exercitar capacidades relacionadas ao modo como operamos com procedimentos básicos do discurso como a tematização, almeja-se, em última instância, colaborar para a formação de um profissional de jornalismo capaz de desenvolver o pensamento crítico. As atividades aqui descritas, ainda que se constituam parte de uma pesquisa mais ampla, apontam para a necessidade transversal de empreender estudos em torno de práticas didático-pedagógicas que estimulem, a partir de referenciais teóricos-metodológicos sistematizadas, competências e saberes para um jornalismo consciente de sua finalidade social.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de Fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

BORDAS, Miguel Angel Garcia. Notícia direta e notícia de criação: discussão do discurso jornalístico. In: **Revista Texto de Cultura e Comunicação**, Salvador, BA, v. 1, p. 189-207, 1995.

CARVALHO, Alexandre et al. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 2004.

DE LA RUE, Saulo. A grande reportagem entre o mercado e a academia. In DUARTE, Elizabeth Bastos & CASTRO, Maria Lília Dias de (org.). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2006, p. 183-188.

FECHINE, Yvana. **Disciplina Telecinejornalismo**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2016-2018. Anotações e fichas de Aula.

_____. Transmídiação como modelo de produção: uma abordagem a partir de estudos da televisão e de linguagem. In: SANTAELLA, Lúcia. NESTERIUK, Sérgio; MASSAROLO, João. **Desafios da transmídia: processos e poéticas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018, p. 42-65.

FECHINE, Yvana. MACEDO, Marcos. Roteiro Transmídia em Jornalismo: lições das teorias da linguagem. In: **Anais do 31º Encontro Anual da Compos**, 2022, Imperatriz. Anais eletrônicos..., Galoá, 2022.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Elementos de Análise do Discurso**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLÚN, Mário. **Produção de Programas de Rádio: do roteiro à direção**. São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1995.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. São Paulo: Record, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: UNICAMP, 1993.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 897-917, 2014.

MACEDO, Marcos Carvalho. **Narrativa transmídia jornalística:** estratégias e procedimentos nos dossiês *Tudo Sobre*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

_____. **A reportagem especial transmídia:** uma proposta de roteirização. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

MACEDO, Marcos Carvalho. FECHINE, Yvana. Jornalismo Transmídia em sala de aula. In: **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 14, n. 33, p. 34-48, 2024.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia, um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

MÍDIA E AMAZÔNIA. Marcelo Leite fala sobre a produção da reportagem Floresta sem fim. **Youtube**, 26 out. 2015. 10min04s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2s8VZSoUlhk>. Acesso em: 01 fev. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** por que as notícias são como são. V. 1. 3. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2012.

VAN DIJK, Teun Aun. Estrutura da notícia na imprensa. In: **Cognição, discurso e interação**. São Paulo, Contexto, 1999, p. 122-155.